



Boletim nº 48

abril-maio-junho 2010

211 East 43 St, Suite 706, New York, New York 10017 - Tel: +1 646-487-0003 - Fax: +1 646-487-0004 - Email: viny@vivatinternational.org

Queridos Leitores, Queridas Leitoras,

Bem-vindos, à 48ª edição de VIVAT!

A primavera de 2010 foi um tempo de muito trabalho, tanto para a Equipe Executiva em Nova Iorque como para os membros de VIVAT em todas as partes do mundo. Nesta edição, destacamos alguns dos trabalhos extraordinários de VIVAT Internacional nos últimos três meses. Assumindo com a ONU sua Comissão Anual sobre o Desenvolvimento Sustentável e o Fórum Permanente sobre os Povos Indígenas, tivemos uma presença forte na sede da ONU, em Nova Iorque, durante a primavera.

VIVAT, seus membros e coordenadoras e coordenadores de JUPIC organizaram vários seminários e conferências por todo o mundo e esta edição vai ressaltar dois seminários de VIVAT, como também a Conferência Mundial dos Povos, um esforço global para chamar a atenção para as mudanças climáticas e os direitos da Mãe Terra, que contaram com a participação de vários membros VIVAT. Nossos membros nas bases estiveram igualmente muito atarefados e nessa edição vamos também apresentar o trabalho de muitos deles ao redor do globo, já que promovem a missão de VIVAT.

Que você nos inspire! Sempre estamos abertos a comentários, idéias, histórias e notícias sobre nossos membros. Por favor, envie sua opinião e contribuição para: viny@vivatinternational.org

INDICE:

<i>Comissão da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável</i>	2
<i>Conferência Mundial dos Povos sobre Mudanças Climáticas e os Direitos da Mãe Terra</i>	3
<i>Um novato no Fórum Permanente da ONU sobre as Questões Indígenas</i>	4
<i>Parem com o Tráfico Humano na Copa do Mundo</i>	4
<i>Seminário da Ásia-Pacífico sobre HIV/AIDS</i>	5
<i>Justiça nos Trilhos: 1ª Reunião do Povo Afetado pela Vale</i>	6
<i>VIVAT é Sede do Seminário Norte-Americano</i>	7
<i>Plantar-para-o-Planeta</i>	8
<i>25 Anos de JUPIC na Holanda</i>	9
<i>Próximas datas comemorativas da ONU</i>	9

Diretoria

Antonio Pernia, SVD
Maria Theresia, SSpS
Judith Vallimont, SSpS
Gregory Pinto, SVD
Mary John Kudiyiruppil, SSpS
Milan Bubak, SVD
Gervase Taratara, CSSp

Associados Representantes

Maureen O'Malley, MSHR
Marina Cassarino, CMS
Therese Wetta, ASC
Camille Piche, OMI
Juan Paulo, MCCJ

Equipe Executiva

Zelia Cordeiro, SSpS e Felix Jones, SVD

Contribuíram

Miguel Heinz, Benigno Beltran, Toon van Bijnen, John Converset, Frederico Menino, Daniel LeBlanc, Zeina Shuhaibar, Kasia Laskowski, Brian McLaughlin, Dário Bossi, Rosalinda Argosino

Revisão *Patrick Hogan, SVD*

Designer *Zeina Shuhaibar*

Tradutoras

Simone Petra Hanel, SSpS - Alemão
Edni Gugelmin, SSpS - Português
MaríaA.AgüeroSanchez, SSpS - Espanhol

Nova Iorque +1 646 478 0003

Geneva +41 022 796 991

viny@vivatinternational.org

geneva@vivatinternational.org

Versão em Português

Revisão:

Marlise Costa/AlterComunicare

Diagramação:

Cloves Costa/AlterComunicare

Impressão:

AlterComunicare

Reunião da Comissão da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável

Por John Converset

Uma das últimas comissões realizadas durante a primavera nas Nações Unidas, em Nova Iorque, a Comissão sobre o Desenvolvimento Sustentável (CDS), representou um avanço tanto quanto as comissões prévias e fóruns acontecidos em fevereiro, março e abril. A CDS é a mais nova das comissões da ONU, mas foi bem participada em 2010. Ela realizou-se de 3 a 14 de maio e teve como objetivo chamar a atenção internacional sobre questões do desenvolvimento sustentável no mundo, detendo-se, especialmente, em cinco temáticas principais: transporte, químicos, administração do lixo, mineração e planejamento de uma estrutura para dez anos de programas sobre o consumo sustentável e modelos de produção.

Durante a CDS desse ano, muitas ONGs foram bem sucedidas ao apresentarem vários eventos paralelos que correspondiam ao que estava acontecendo na sessão oficial da ONU, durante o encontro da Comissão. VIVAT, em parceria com várias outras ONGs e grupos, organizou dois eventos paralelos bem sucedidos sobre o desenvolvimento sustentável – um sobre a necessidade do consentimento livre, antecipado e informado dos povos indígenas afetados pela mineração, e outro, sobre os riscos ecológicos, sociais e políticos que a construção de barragens representa, especialmente na América Latina.

Mineração: Chamado para o Consentimento Livre, Prévio e Informado

O primeiro dos dois eventos paralelos patrocinados por VIVAT, organizado com as Irmãs de Maryknoll e outras ONGs, foi intitulado: “Mineração: Chamado para o Consentimento Livre, Prévio e Consciente”. Foi um evento que teve como objetivo focalizar a necessidade de, em casos de mineração, as comunidades indígenas que serão por ela afetadas darem seu consentimento livre e previamente, e com conhecimento de causa. Focalizando três grupos específicos de comunidades no Peru, Indonésia, Filipinas e Bolívia, o evento apresentou as lições aprendidas na campanha em defesa dos povos indígenas aliados das principais decisões sobre a mineração em suas comunidades.

Membros de VIVAT em Flores, na Indonésia, elegeram a Sra. Octaviana Asamsama, psicóloga clínica da Indonésia, para falar sobre os esforços locais para trazer à ONU a voz da população rural indígena marginalizada. Juntamente com a apresentação de vozes das bases, o evento também envolveu a participação ativa da Sra. Trinidad Carlos Serna, uma advogada dos Direitos



Humanos, que falou sobre os direitos dos povos indígenas e seu uso de práticas de mineração em pequena escala, tradicionais e sustentáveis. Também falaram pessoas das Filipinas e da Índia. Concluindo, a iniciativa sobre mineração patrocinada por VIVAT foi um grande sucesso, despertou consciência sobre questões do desenvolvimento sustentável na mineração através da aplicação de exemplos por membros específicos de VIVAT. Com a atenção especial

da ONU nas questões referentes à mineração, VIVAT está esperançosa e otimista de que o tópico se tornará dominante nas discussões futuras e ações internacionais com relação ao desenvolvimento sustentável.



Terra Sim! Barragens Não! Construindo Ciclos de Mobilização

Um assunto muito intenso de vários membros VIVAT no Brasil é a controvérsia que cerca a construção de barragens. Os governos muitas vezes decidem começar novos e grandes projetos de barragens sem o consentimento livre, prévio e informado da população que será afetada diretamente em sua fonte de água pela barragem, e que irá, no fim das contas, sofrer enormes crises ambientais, sociais e econômicas como resultado direto do represamento. Para trazer à luz em âmbito internacional essa controvérsia tão raramente discutida, VIVAT, juntamente com ONGs parceiras, promoveu um evento paralelo na CDS intitulada “Terra Sim! Barragem Não! Construindo Ciclos de Mobilização”.

O evento trouxe muitas questões diversificadas, um verdadeiro painel informativo com uma série de convidados para falar sobre o tema. A primeira panelista, Victoria Tauli-Corpuz, membro do Fórum Permanente da ONU sobre questões indígenas, que falou de casos específicos e chocantes de povos indígenas em seu país, que resistiram diante do governo quando foi decidida a construção de barragens em suas terras. As consequências disso foi o massacre de inúmeras mães, pais e crianças inocentes, que apenas queriam ficar vivendo em suas terras. O panelista seguinte, Frederico Menino, um cientista político brasileiro, compartilhou sobre um caso de sucesso de membros do MOAB (Movimento de Pessoas Atingidas por Barragens), grupo VIVAT do Brasil, que resistiu por décadas à construção massiva de projetos de barragens. O Sr. Menino usou de uma apresentação e de um breve DVD para ilustrar a luta dos povos indígenas. A próxima, Mary Corbett, apresentou uma história comovente de lutas de um menino guatemalteco que viu sua família ser trucidada quando opunha resistência ao projeto de construção de uma barragem em suas terras. Por último, Judith Kimerling apresentou as leis internacionais sobre o meio ambiente que apoiam movimentos de resistência contra projetos de construção de barragens.

Esse acontecimento paralelo foi muito bem sucedido em termos de participação, conferencistas e informações convincentes, mas foi um sucesso especial graças à participação ativa das missões diplomáticas presentes, particularmente da delegação brasileira. Embora esperássemos, e mesmo antecipássemos que alguns governos participariam, a delegação brasileira que efetivamente compareceu mostrou-se não apenas atenta durante as apresentações, mas estava verdadeiramente envolvida e trouxe muitas questões e comentários aos assessores. A participação ativa de tais governos dá esperança de que um dia, e um dia próximo, mais e mais governos irão prestar atenção ao grito dos povos indígenas, no que se refere ao desenvolvimento sustentável, especialmente na controvérsia raramente discutida em torno das barragens.

Milhares de pessoas participaram da Conferência Mundial Popular sobre Mudanças Climáticas e Direitos da Mãe Terra

“Nós, povos e nações da Terra, reconhecemos agradecidos... reconhecemos que a Mãe Terra é fonte da vida, alimento e aprendizado e que oferece tudo do que precisamos para viver bem...”
Preâmbulo do esboço da Declaração dos Direitos da Mãe Terra”

Em abril deste ano, a Conferência Mundial Popular sobre Mudanças Climáticas e Direitos da Mãe Terra teve o objetivo de organizar o movimento Mundial Popular pela Mãe Terra. A conferência que aconteceu em Cochabamba, Bolívia, teve a participação de mais de 35.000 pessoas e trabalhou para desenvolver o Acordo Popular de Cochabamba, que propôs

alguns aspectos básicos, considerados mínimos para um acordo sobre o clima na próxima Conferência sobre Mudanças Climáticas, COP 16, que acontecerá em Cancun, México. VIVAT foi representada na Conferência por membros de Nova Iorque, Equador e Bolívia.

A comunidade global presente chegou a muitas conclusões importantes e propostas sobre mudanças climáticas e responsabilidade internacional. As propostas incluíram uma redução de 50% nas emissões de gases poluentes nos países em desenvolvimento para o período de 2013 a 2017, sob o Protocolo de Kioto; o esboço da Declaração sobre os Direitos da Mãe Terra; uma proposta para um referendo global sobre mudanças climáticas; e recomendações para criação de um Tribunal Internacional sobre Clima e Justiça.



Enquanto a Conferência ofereceu aos grupos e governos da sociedade civil uma oportunidade rara de trabalho em conjunto para enfrentar as mudanças climáticas num nível muito raramente atingido antes, muitas pessoas tinham sérias preocupações de que a comunidade internacional – particularmente os países desenvolvidos, as Nações Unidas e organismos da ONU que trabalham nas

questões climáticas – não integrasse adequadamente as conclusões e propostas estabelecidas no Acordo Popular em Cochabamba. Na verdade, as declarações na Bolívia criticaram abertamente a comunidade internacional por seu descaso para com a Conferência Mundial Popular e sua adoção exclusiva das propostas mínimas dos Acordos de Copenhague.

Somente com o reconhecimento dos direitos da Mãe Terra a comunidade internacional poderá tratar com sucesso das urgentes questões sobre o aquecimento global em larga escala. A Bolívia argumenta que isso só pode acontecer se a voz e a vontade popular, como aconteceu no Acordo Popular de Cochabamba, forem reconhecidas, consideradas e incorporadas.



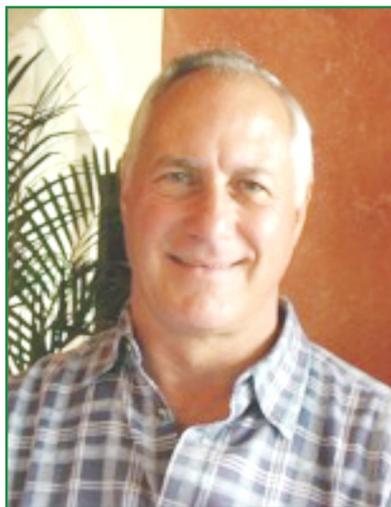
Propostas da Conferência Mundial dos Povos

1. Redução de 50% das emissões de gases poluentes pelos países desenvolvidos para o período de 2013-2017 sob o Protocolo de Kioto, domesticamente e sem confiar nos mecanismos do mercado.
2. Estabilização da concentração de gás poluente em 300ppm.
3. Consideração da proposta da Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra para restabelecer a harmonia de nossa Mãe Terra.
4. Obrigação dos países desenvolvidos de honrar suas dívidas climáticas com relação aos países em desenvolvimento e nossa Mãe Terra.
5. Disposição de recursos financeiros igual a 6% do PIB por parte dos países desenvolvidos para ajudar a enfrentar as mudanças climáticas.
6. Criação de um mecanismo para o manejo e conservação integral das florestas que, ao contrário da REDD-plus, respeite a soberania dos Estados, garanta os direitos e a participação

- dos povos indígenas e comunidades dependentes da floresta e que não esteja baseado no sistema de mercado do carbono.
7. Implementação de medidas para o reconhecimento dos direitos dos Povos Indígenas... de acordo com a Declaração da ONU sobre os Direitos dos Indígenas.
8. Incentivo a modelos de produção da agricultura ambientalmente sustentável, que garantam a soberania alimentar e o direito dos povos indígenas e de pequenos agricultores.
9. Reconhecimento e proteção dos direitos e das necessidades dos migrantes climáticos forçados.
10. Criação de um Tribunal de Justiça Internacional sobre o Clima e Meio Ambiente.
11. Consideração do Referendo Mundial sobre Mudanças Climáticas que possibilite que as populações decidam sobre o que será feito nesse sentido, o que é de vital importância para o futuro da Humanidade e da Mãe Terra.

Um Novato no Fórum Permanente das Nações Unidas sobre Povos Indígenas

Através de VIVAT Internacional, tive o privilégio de participar da Nona Sessão Permanente do Fórum sobre Questões Indígenas. Antes disso, não tinha tido nenhuma experiência das Nações Unidas nem de alguma dessas suas aparentemente incontáveis agências. Minha presença na sessão tinha o caráter de uma experiência de aprendizado e foi isso mesmo. A maior parte do tempo participei de ‘eventos paralelos’. Minha longa experiência na África do Sul, durante e após a Apartheid, deu-me condições de acompanhar o que estava acontecendo.



patrocinados pela ONU. Gente de todas as partes do mundo, de cada etnia e grupo linguístico, de muitas posições políticas e filosóficas ou mesmo perspectivas ideológicas, foram capazes de conversar entre si educadamente e com respeito. Vítimas de várias formas de injustiça foram capazes de expressar seus sofrimentos àquelas pessoas que estão em condições de fazer alguma coisa pela causa. É possível que eu seja muito inexperiente para distinguir os ‘jogos políticos’ que certamente estavam sendo jogados durante a ocasião. Entretanto, eu creio ter visto muitas pessoas sinceras e

A primeira coisa que notei foi a complexidade desconcertante das agências da ONU. Eu não estava preparado para encontrar o grande número de organismos inter-relacionados, cujas funções e objetivos parecem se sobrepor e se mesclar. Por exemplo, muitos dos assuntos que foram tratados no Fórum sobre os Povos Indígenas voltaram, numa perspectiva mais ampla, é verdade, na 18ª Sessão do Comitê sobre o Desenvolvimento Sustentável.

A segunda coisa que me chamou a atenção foi a quantidade de informações disponíveis livremente através dos estudos e reportagens patrocinados pela ONU. E, se isso não for suficiente, as muitas ONGs que trabalham em conjunto com a ONU ou que estão em contínuo diálogo com suas agências põem à disposição suas próprias análises, estudos de casos e projeções. A pessoa poderia informar-se sozinha com relação às incontáveis realidades de nosso mundo, apenas acessando os documentos disponíveis através da ONU.

A terceira coisa de que tomei consciência foi sobre a oportunidade enorme de diálogo global nos eventos

dedicadas, cuja boa vontade era patente e cujas capacidades estavam sendo colocadas de modo desinteressado a serviço do bem comum.

O primeiro tema trabalhado no Fórum Permanente foi como melhorar a aplicação das Declarações sobre os Direitos dos Povos Indígenas, tendo como preocupação o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo em que se protegem as culturas e identidades indígenas. Esse tema amplo envolve o avanço na condição e direitos das mulheres, prevenção do tráfico humano, cuidado das necessidades das crianças e da juventude, obtenção do consentimento prévio, livre e informado no que diz respeito a todos os projetos que afetem diretamente os povos indígenas e lidar com as questões ambientais, tais como mudanças climáticas e biodiversidade.

Voltei dessa experiência inicial com muita esperança. Apesar dos limites da ONU e da seriedade e extensão dos problemas que devem ser enfrentados, pode-se fazer progressos e estão sendo feitos, graças aos esforços de muitas pessoas dedicadas.



PAREM COM O TRÁFICO HUMANO NA COPA DO MUNDO

Membros VIVAT, os missionários Oblatos de Maria Imaculada, esperam combater o tráfico humano associado à Copa Mundial na África do Sul, quando, espera-se que aproximadamente um milhão de pessoas entrarão no país. Uma fonte de grande preocupação é o tráfico de crianças e mulheres para exploração sexual ou do trabalho em acontecimentos como esse.

Em Mongu, Zâmbia, na Rádio 105.3FM os Oblatos vêm combatendo essa atividade desumana, irradiando notícias e outros programas para enviar informações sobre esse tráfico. Um deles falou: “estamos com você na caminhada... para marcar e vencer contra a amarga taça do tráfico humano”.

O Escritório JUPIC dos Oblatos, da província dos Estados Unidos, também está trabalhando para acabar com o tráfico. Eles coassinam cartas iniciadas pelos Serviços de Investimentos Irmãos Cristãos-SIIC, pelas empresas patrocinadoras oficiais da Copa do Mundo, como Adidas, Coca-Cola, Anheuser Busch, Sony, MTN, Hyundai e McDonalds.

Também coassinam cartas, iniciadas pelos SIIC, à Direção de uma cadeia de 8 hotéis que têm presença na África do Sul, pedindo-lhes para agirem no combate ao tráfico humano e turismo sexual infantil antes da Copa do Mundo. Ainda que não responsável pelo crime do tráfico, a indústria de viagens e hospedagens ocupam posição chave para ajudar na prevenção do tráfico humano tomando medidas para proibir o uso de hotéis para essa exploração sexual.

Pede-se às companhias para formarem funcionários e funcionárias nas questões sobre o tráfico humano, treinem o pessoal para identificar potenciais vítimas e denunciar às autoridades competentes, trabalhar com a polícia local, organizações antitráfico e agências para o bem estar das Crianças para trocar informações e informar aos hóspedes das penalidades impostas ao tráfico humano e abuso sexual de crianças de acordo com a lei local e nacional.

Até o início de junho, vieram respostas dos hotéis Accor, Carlson e Internacional. Não responderam os hotéis Best Western, Hyatt, Hilton, Starwood e NH. As respostas mais significativas vieram de Accor e Carlson:

ACCOR – Accor é um exemplo para a indústria do turismo. Accor adotou O Código – o código de conduta contra o turismo sexual infantil que orienta sua direção e desenvolve uma política ética e treinou 13.000 empregados nesse assunto. Na África do Sul, 85 empregados foram treinados e a companhia colocou à disposição de outras organizações de turismo seu material de treinamento. Accor possui mais de 20 hotéis na África do Sul e 4000 hotéis no mundo sob as marcas Motel6, Sofitel e Mercure.

Carlson – Carlson é também muito ativo na questão do combate ao tráfico humano e é o único da cadeia de grandes hotéis dos Estados Unidos a adotar o Código de Conduta do Turismo, criou uma política ética e treina os novos empregados. A companhia não mandou informações específicas sobre a África do Sul. Com 1000 hotéis em 150 países, o nome Carlson inclui Radisson e Country Inns & Suítes.

Para mais informações visite: www.omiusjpic.org

A Rede Ásia/Pacífico realiza seu primeiro Seminário sobre o HIV/AIDS

Motivados à ação pela alarmante taxa de crescimento da epidemia HIV/AIDS no sudeste da Ásia, o Comitê Católico sobre HIV e AIDS, sob os auspícios da Conferência dos Bispos da Tailândia, convocou e hospedou um seminário, entre 12 a 16 de maio, no Centro Pastoral Camiliano, em Bangkok, Tailândia. O tema do seminário foi “Desafios do HIV/AIDS à Igreja Católica na Ásia e no Pacífico”.



Os quatro dias de seminário contaram com a participação de 89 pessoas de várias organizações Católicas, com representantes de 15 países, bem como das agências patrocinadoras, da Cáritas Internacional e da UNAIDS.

O seminário teve cinco objetivos: organizar a resposta da Igreja Católica na Ásia/Pacífico sobre o problema do HIV/AIDS; promover intercâmbio e o diálogo sobre o tema entre os serviços nas organizações Católicas na Ásia/Pacífico; construir relações e cooperação entre as organizações Católicas na Ásia/Pacífico; promover e manter a força espiritual das pessoas e

organizações Católicas envolvidas nos serviços a pessoas vivendo com o HIV e AIDS; dialogar e promover esforços conjuntos para reduzir novas infecções pelo HIV, em colaboração com outras religiões, crenças e políticas governamentais.

Colorido com maravilhosas trocas culturais, dança da juventude e apresentações musicais, o seminário contou também com palestrantes

importantes, que apresentaram muitos fatos, números e experiências sobre o assunto, na Ásia e mundo afora. Entre os conferencistas estavam o Sr. Steve Krause da UNAIDS, os Sr. Robert Vitillo da Cáritas Internacional e Dr. Rabia Mathai da Direção da Missão Médica Católica, todos falaram sobre vários trabalhos no campo e da necessidade de continuar o trabalho das organizações Católicas nas comunidades afetadas pelo problema. O seminário reservou um dia para visitas a lugares e centros na Tailândia que trabalham para ajudar as pessoas infectadas pelo HIV/AIDS.

‘Justiça nos Trilhos’ e o Iº Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale

A campanha “Justiça nos Trilhos” está entre os formuladores e promotores do “I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale”. Desde o começo de 2009, durante e logo após o Fórum Social Mundial de Belém, sentiu-se a necessidade de um encontro internacional exclusivamente focado sobre a Vale e seus impactos socioambientais em várias regiões do mundo. As injustiças evidentes narradas por muitas comunidades no Brasil e pelo mundo afora, o modelo de desenvolvimento agressivo e os enormes lucros da companhia mineradora tornavam urgente a construção de estratégias coletivas de resistência e alternativas.

Como Missionários Combonianos, sentimos diretamente interpelados. Sentimos que cabia a nós ajudar o povo que acompanhamos em Açailândia, São Luís e em vários povoados ao longo da Estrada de Ferro Carajás, a compreender a história e as causas das condições degradadas de suas vidas. Ao anunciar e ajudar a construir vida em abundância é sempre necessário denunciar e destruir modelos que, ao contrário, trazem morte por causa de uma busca irresponsável e desmedida do lucro.

Abençoados e encorajados pela Campanha da Fraternidade de 2010, que nos estimula a estudar as injustiças econômicas mais evidentes e contrapor experiências de economia popular descentralizada, respeitosa da vida e do meio ambiente, assumimos com entusiasmo a organização dessa nova etapa de enfrentamentos da Vale: sonhamos, com Deus, com um novo jeito de relacionarmos-nos com a terra, com os recursos naturais e com a criação inteira.

‘Justiça nos Trilhos’ desde o começo envolveu toda nossa Província Brasil Nordeste, que a apoia e com ela se identifica. Mais uma vez, nesse caso, houve a participação de vários Combonianos nas diversas iniciativas

preparatórias. Foi editada uma revista, com o título “Não Vale”, contendo vários artigos bem fundamentados a respeito das mazelas da companhia, especialmente no corredor de Carajás. A revista suporta e complementa o trabalho artístico de um conhecido diretor cinematográfico italiano, Silvestro Montanaro, que realizou, durante os últimos meses, um filme de 75 minutos, sobre os maiores conflitos e resistências populares ao longo do mesmo corredor.

Filme e revista serão divulgados em breve nas comunidades atingidas, em ocasião de lançamentos e seminários de formação tanto no Pará como no Maranhão. Os membros da Rede Brasileira de Justiça Ambiental e outros parceiros internacionais já receberam esse material, útil para a formação de suas comunidades e lideranças. Tudo, enfim, estava pronto para a realização do encontro internacional dos atingidos. O evento foi precedido, de 5 a 11 de abril, pela Caravana dos Povos no Sistema Norte da Vale.

Em parceria com comunidades, movimentos e sindicatos do Pará e do Maranhão, foram preparadas três etapas, prontas para acolher um público de vários países do mundo. Trinta pessoas alcançaram, assim, Barcarena (PA), Marabá (PA) e Açailândia (MA) e realizaram um intercâmbio precioso entre comunidades atingidas de várias regiões do planeta. Era gente do Pará, Maranhão, Ceará, Rio de Janeiro, Brasília, Argentina, Chile, Peru, Canadá e Moçambique.

Puderam encontrar comunidades rurais e urbanas, associações de moradores, movimentos populares, comunidades cristãs, políticos, promotores de justiça, jornalistas, sindicatos, movimentos de defesa dos direitos humanos, atores, famílias, jovens, mulheres... É impossível resumir em poucas linhas a riqueza

desses encontros (encontra-se algo a mais nos blogs que acompanharam o evento). Podemos resgatar, simplesmente, a dinâmica de enriquecimento recíproco que permitiu aos membros locais e internacionais ‘espelharem-se’ uns nos outros.

Evidenciaram-se, em todo lugar, sempre as mesmas estratégias da empresa: a conquista do território, o marketing para defender uma imagem socialmente e ambientalmente responsável, a cooptação do poder político e judiciário; em relação às lideranças, a tendência a aliciar, negociar isoladamente para dividir as comunidades, ameaçar ou criminalizar, conforme o nível de organização e enfrentamento dos grupos locais.

Também apareceram interessantes respostas de resistência popular: o esforço de dar visibilidade ao conflito (publicações, relatórios, dossiês), as ações diretas de oposição à agressividade da empresa (ocupar terras, fechar estradas, manifestar), as ações judiciais pedindo indenização ou compensação ambiental, a produção de conhecimento juntando o saber local e a pesquisa universitária, a articulação em redes (internacionais, nacionais, regionais), o envolvimento de atores e parceiros chave, especialmente na área jurídica.

Nos dias seguintes, de 12 a 15 de abril, a Caravana Norte encontrou-se com outra caravana, vinda do Sistema Sul da Vale (Minas Gerais e Espírito Santo), além de várias outras pessoas, todas convergindo para o Rio de Janeiro, onde existe a sede da Vale e onde, todo mês de abril, a Vale convoca seus acionistas para a assembléia anual.

Reuniram-se 160 pessoas, de 80 associações e entidades diferentes, representando 12 países. Ocasão única: pela primeira vez os povos atingidos e as lideranças que os

acompanham fizeram o esforço de sistematizar suas lutas e aprender uns com os outros.

Foram quatro dias intensos, principalmente de estudo e aprimoramento das estratégias coletivas. Destacaram-se várias áreas de conflito: modelo de desenvolvimento e saque dos recursos, conflitos ambientais e poluição, conflitos trabalhistas e resistências sindicais, conflitos com as comunidades e pela terra, conflitos econômicos e desequilíbrios por lucros desmedidos (a Vale é a maior empresa da América Latina e a mais rentável do mundo!).

Os encaminhamentos maiores tiveram a ver com a crítica à imagem socialmente solidária e ambientalmente responsável da Vale: os atingidos

assumiram o compromisso de desmontar sistematicamente esse quadro, mostrando e divulgando os impactos de que são vítimas. Um dossiê detalhado, com 120 páginas e 21 casos específicos foi lançado na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, entregue à imprensa e à assembléia dos acionistas.

Um movimento internacional assumiu o compromisso de produzir constantemente um relatório alternativo, apontando as omissões do Relatório Anual de Sustentabilidade da própria empresa. A partir disso, deslancham-se novas dinâmicas de denúncia, conscientização das comunidades, reivindicações dos próprios direitos e construção de formas mais sustentáveis de economia e desenvolvimento local.

Intuímos, também, novas potencialidades e alianças entre comunidades e províncias missionárias onde se encontram os mesmos conflitos por mineração e saque dos recursos naturais: Moçambique, Chile, Peru, Equador...

“Justiça nos Trilhos” volta agora a trabalhar nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, fortalecida, porém, por alianças nacionais e internacionais que garantem apoio e solidez à ação de defesa das comunidades locais.

Como missionários, sentimo-nos chamados a avançar nessa fronteira inédita de diálogo entre a Igreja, as comunidades e os movimentos sociais para a preservação da vida, da dignidade e dos territórios.

VIVAT sediou o Seminário da América do Norte

De 15 a 17 de abril, nove congregações se reuniram para o seminário Norte-Americano, na cidade de Washington. As congregações representadas foram: Missionária das Servas do Espírito Santo, Missionários do Verbo Divino, Oblatos de Maria Imaculada, Adoradores do Sangue de Cristo, Missionários Combonianos, Irmãs Combonianas, Irmãs Missionárias do Santíssimo Rosário, Espiritanos e as Irmãzinhas da Assunção.

A primeira noite da reunião incluiu uma introdução geral d@s participantes e algumas trocas sobre questões de JUPIC de cada congregação. Para esta sessão de abertura, os Oblatos hospedaram o grupo em sua residência em Washington. No dia 16 de abril, sexta-feira, começamos com a história de VIVAT Internacional por Bernie Spitzley, svd, e Judy Vallimont, ssps, que estudaram a possibilidade de começar uma Organização Não Governamental. Em seguida foi feita uma apresentação geral pela equipe de VIVAT de Nova Iorque: como VIVAT



funciona, as questões sobre as quais VIVAT trabalha e as comunidades que agora estão envolvidas com VIVAT.

Sexta à tarde, John Kilcrann, cssp, envolveu @s participantes numa discussão muito interessante sobre a espiritualidade desse trabalho de defesa e assessoria de JUPIC. À luz de nossos diferentes carismas, é importante que construamos uma espiritualidade que integre o pensamento de nossos fundadores e fundadoras com nosso trabalho atual nas questões de justiça e paz. O dia terminou com uma apresentação por um grupo de membros VIVAT sobre como podemos trabalhar juntos, já que somos de várias comunidades. Já que agora somos uma ONG forte (e ainda em crescimento), é vital que tentemos

trabalhar juntos de uma maneira unificada.

As discussões de sábado foram as mais interessantes e vivas. Dividimos em grupos por assuntos baseados nos vários projetos de JUPIC de nossas comunidades: imigração e migração, tráfico humano (especialmente de mulheres), meio ambiente e desenvolvimento humano integral. Após boa e longa discussão nos grupos, houve apresentações sobre alguns pontos-chaves de cada área. Alguns dos grupos decidiram continuar suas discussões e trabalhos trocando e-mails e fazendo uma lista de endereços. Isso mostra uma das muitas maneiras que as comunidades têm de trabalhar juntas.

Refletindo agora em nossa experiência junt@s, percebemos que foram criados laços entre participantes e comunidades. Esse foi o primeiro passo do trabalho em conjunto como uma ONG. Esperamos que possamos nos encontrar dentro de poucos anos. Quanto mais trabalhamos juntos, mais forte fica nossa voz em favor dos pobres e marginalizados.

Plantar-para-o-Planeta

Nas últimas décadas, a questão do aquecimento global tornou-se um assunto que permeia o discurso dos fazedores de política no mundo todo. Entretanto, os discursos sobre as mudanças climáticas podem ser úteis nos fóruns de idéias e preocupações. Mas, até agora eles provaram ser inadequados na efetivação de políticas globais. Felizmente, enquanto que o problema de ações coordenadas sobre Mudanças Climáticas permanece um obstáculo a qualquer acordo em larga escala, algumas pessoas arregaçaram as mangas para criar um futuro sustentável para as próximas gerações.

Três anos atrás, um garoto de nove anos, chamado Felix Finkbeiner, decidiu proclamar durante uma apresentação da classe que ele queria “plantar um milhão de árvores no mundo – um milhão em cada país!” Inspirado inicialmente pelo vencedor do Prêmio Nobel Wangari Maathai e seu “Movimento Cinturão Verde” e em Richard S. Barbe Baker, a proposta de Felix espalhou uma iniciativa intitulada “Plantar-para-o-Planeta”, que ganhou amplo suporte e popularidade. Plantar-para-o-Planeta transformou-se gradualmente numa atividade em rede ao redor do mundo por justiça climática e agora funciona sob os auspícios da Campanha por “Um Bilhão de Árvores”, da ONU.

O desafio agora é mobilizar crianças e jovens para plantarem um milhão de árvores em seus países durante os próximos três anos. Um jeito de fazer a publicidade deste singelo projeto é através da campanha “Pare de falar, Comece a Plantar”, um lema que Pe. Benigno P. Beltran, svd, assumiu de coração. Pe. Ben assumiu o Plantar-para-o-Planeta por conta própria para fazer frente aos efeitos das inundações do ano passado nas Filipinas. O tufão Ondoy que se abateu sobre as Filipinas durante uma tempestade tropical Ketsana, em setembro de 2009, causou inundações devastadoras e resultou na destruição da vegetação de montanhas e outras terras. As montanhas assoladas e o lixo solto deixados pelo tufão resultaram na dificuldade de drenagem da água no Monte Ayaas, causando o transbordamento do rio Marikina. Apesar de um rápido socorro de emergência, Pe. Ben Beltran, coordenador da Secretaria de Justiça, Paz e Integridade da Criação da Província SVD, compreendeu que isso não seria suficiente para assegurar um futuro promissor para essa região das Filipinas.

Ficou evidente que soluções de longo termo seriam essenciais para reconstruir primeiro e, sobretudo, o reflorestamento da bacia hidrográfica de Marikina. Assim, Pe. Ben assumiu a iniciativa Plantar-para-o-Planeta através do Secretariado, em 12 de dezembro passado, o Dia Global de Ação sobre Mudanças Climáticas, com 400 outros voluntários e voluntárias. Numa carta detalhando o projeto Marikina de reflorestamento, Pe. Ben explica: “esperamos cuidar de milhares de sementes na

montanha para aliviar a mudança climática, ajudar a prevenir as inundações e segurar a água do aquífero da Bacia do Marikina, de modo que as pessoas em Manila terão água para beber”. Pe. Ben acrescentou: “gostaríamos de pedir sua ajuda divulgando nossa campanha... de modo que possamos levantar fundos para plantar um milhão de árvores na Bacia do Marikina e dar condições de vida ao povo da área, para que ele não corte as árvores e as transforme em carvão.”

Entre os voluntários e voluntárias que fizeram a escalada até o Monte Ayaas para ajudar no reflorestamento estavam soldados e jovens, incluindo Os Filhos da Mãe Terra, um grupo artístico ligado à causa ambiental, constituído de jovens e crianças que nasceram e cresceram em Montanha Smokey, um depósito de lixo em Manila. Pe. Ben criou o grupo Filhos da Mãe Terra em 1993 para conscientizar sobre a degradação ambiental através da dança interpretativa. Os Filhos da Mãe Terra apresentam danças e rituais de povos indígenas das Filipinas para divulgar a mensagem da necessidade dos humanos viverem em harmonia entre si



e com a criação. A dedicação e paixão desses 27 dançarinos em seus esforços para ‘salvar o planeta’ através de sua dança levou-os a receberem convites de grupos filipinos e outros grupos ambientalistas para apresentar uma série de concertos em Fenix, Arizona e San Diego e Los Angeles na Califórnia, em abril passado.

A Campanha Plantar-para-o-Planeta mobilizou gente jovem pelo mundo para assumir um papel ativo na luta contra o aquecimento global. Pe. Ben contribui ainda para esta educação levando gerações jovens a compreender a interconectividade da vida em nosso planeta. As atividades feitas pelas crianças em todo o mundo demonstram que cada pessoa pode contribuir para a preservação de nosso meio ambiente, pois ‘falar sozinho não vai fazer parar o derretimento das geleiras. Cada árvore plantada é um símbolo de justiça climática’.

Através de seu cuidado para com a criação, seu desejo de se responsabilizar pelas futuras gerações e pela vida neste planeta, e sua campanha ‘Pare de falar, Comece a Plantar’, as crianças em todo o mundo estão trabalhando por um futuro sustentável para toda a humanidade. VIVAT Internacional e seus membros ofereceram suas preces, solidariedade e apoio aos grupos ambientalistas como Plantar-para-o-Planeta e Filhos da Mãe Terra, que conscientizaram sobre a necessidade de justiça ambiental e inspiram gente de todas as idades a agir para diminuir as consequências negativas do aquecimento global.

Consulte: [HTTP://plant-for-the-planet.org/about-us/our-visions-and-idols](http://plant-for-the-planet.org/about-us/our-visions-and-idols).

25 Anos da Comissão de JUPIC da Província SVD Holanda-Bélgica

Por Toon van Bijnen

Em 20 de agosto de 1985, o Conselho Provincial da Província da Holanda-Bélgica decidiu que a comissão de JUPIC deveria ser criada a fim de cumprir a resolução do Capítulo Geral SVD de 1982. Nossa Província foi uma das primeiras a tomar essa iniciativa. Poderíamos nos perguntar por que a província HB liderou essa iniciativa. Primeiramente, nosso Coordenador Provincial naquela época, Ad de Groot, svd, estava absolutamente convencido de que “o trabalho de justiça e paz é parte integrante da evangelização do mundo”, como foi declarado pelo Sínodo dos Bispos de 1971. Depois, o missionário holandês Herman Wijtten, svd, foi o primeiro secretário de JUPIC no Generalato. Finalmente, eu diria, me senti muito feliz de ser privilegiado de tomar parte na Comissão de Missiologia para preparar o Capítulo Geral. Foi essa Comissão que fez a proposta de que o Capítulo Geral deveria escolher um novo secretário para JUPIC no Conselho Geral. Na comissão preparatória, os padres Heekeren e Carlos Pape, do Conselho Geral, deram total apoio à proposta. Assim, através desses confrades altamente convencidos da ideia, a Província HB estava bem preparada para começar esse serviço em 1985.

Já em 1986 pudemos partilhar essa convicção com os coordenadores das

Províncias e confrades ligados à JUPIC na reunião europeia em Fátima, que deu destaque para JUPIC na agenda. Em Fátima, foi aceita a resolução de organizar a cada 2 anos uma reunião europeia de coordenadores de JUPIC. A primeira dessas reuniões aconteceu em 1988, em Deume, e foi marcada pela nossa comissão HB. Durante essa reunião e nas seguintes, a grande preocupação era de como fazer que nossos confrades tomassem consciência desse novo enfoque. Todas as Províncias fizeram uma lista dos muitos obstáculos e também, dos resultados positivos. Sentimos que a economia tornava-se cada vez mais dominante em nosso mundo e determinante nas questões de justiça. Como, nós religiosos, poderíamos ser parceiros nessas discussões sem nenhuma formação? Portanto, em 1993 a comissão da Província HB deu um impulso para realizarmos um seminário de duas semanas sobre economia em São Gabriel, Áustria. Um membro da comissão, Koos van Schie organizou esse seminário tão importante. Foi nessa ocasião que também as Irmãs SSpS foram convidadas. Um dos resultados foi a proposta de que nossa província



deveria tentar fazer investimentos alternativos, baseados na ética.

Durante esses 25 anos e juntamente com outras ONGs, nossa comissão assumiu como tarefa principal, um trabalho (lobby), junto aos centros de decisão, especialmente nas áreas de cancelamento da dívida, contra racismo e discriminação, pelas crianças-soldados, pelos refugiados e pelos que buscam asilo, migrantes e populações de outros credos, etc. Através de abaixo-assinados e cartas pessoais endereçadas a WTO, Reunião de Cúpula 7/20, União Europeia, Chefes de Estado, etc. Dessa maneira, tentamos moldar o mundo de acordo com o Evangelho, o que significa evangelizar o mundo. Após 25 anos participando da comissão de JUPIC, Jan Hellemons, Koos van Schie e eu estamos contentes em poder continuar nesse compromisso missionário por um mundo melhor.

Os próximos Dias de Observância da ONU:

A ONU elaborou uma longa lista de dias, semanas, anos e décadas de observância, estabelecidos para encorajar todas as pessoas a se concentrarem sobre uma questão, tema ou ideia. Cada observância tem um significado dentro da organização da ONU. Nós propomos a todos vocês pensarem em promover a observância de alguns ou de todos eles, seja de modo restrito ou mais abrangente.

Julho

3 Dia Internacional das Cooperativas
11 Dia da População Mundial
18 Dia Internacional de Nelson Mandela

Agosto

9 Dia Internacional dos Povos Indígenas
12 Dia Mundial da Juventude
19 Dia Mundial Humanitário

23 Dia Internacional para lembrar do Tráfico de Escravos e de sua Abolição

Setembro

8 Dia Internacional da Leitura
10 Dia Mundial da Prevenção ao Suicídio
15 Dia Internacional da Democracia
16 Dia para a preservação da Camada de Ozônio
21 Dia Internacional da Paz